

## PRÁTICA DO ENSINO DA LITERATURA NO 1.º GRAU

Albertina Moreira  
Arita Power

### INTRODUÇÃO

É angustiante para nós, professores de Português e Literatura, quando chega a época dos vestibulares e nos conscientizamos de que os nossos vestibulandos não estão devidamente preparados.

É lamentável, mas os alunos saem do Fundamental e chegam às nossas mãos sem os pré-requisitos exigidos no nível, daí a importância de uma sondagem bem elaborada para que partamos do ponto em que se encontra o educando e o ajudemos a atingir os objetivos a que nos propomos.

Partindo de experiências pessoais, concluímos que as dificuldades encontradas numa classe de 5.ª série seriam as seguintes:

— O aluno não é capaz de compreender um texto.  
(Global e pormenorizado)

— Os hábitos de leitura são deficientes.

Nós tentamos buscar caminhos para solucionar estas dificuldades.

O nosso trabalho detém-se em sugestões que, talvez, possibilitem o fortalecimento deste aprendizado.

### 1.0. — A INICIAÇÃO LITERÁRIA SUBJETIVA

A língua (código lingüístico) e a mensagem (pensamentos, idéias, informações) são os elementos básicos com que devemos trabalhar no desempenho da tarefa educativa. É aí que o universo da linguagem existe como um organismo vivo.

São, os textos literários, matéria ideal para conduzir os alunos ao domínio da língua e da linguagem. Essa primazia não quer dizer que a sistematização oferecida pela gramática deva ser abolida, pelo contrário, o estudo do código lingüístico deve ser o a-

lemento-base que permita organicidade, continuidade e progressão na aprendizagem do Português.

Nesta fase, o aluno não tem sua atenção voltada objetivamente para o fato literário como um valor em si. O objetivo é despertar o gosto e o entusiasmo pela leitura.

### 1.1. — Natureza dos textos recomendáveis para leitura e análise

Vai depender de múltiplos fatores:

- da visão do professor acerca do vernáculo;
- de seus conhecimentos das técnicas ou métodos de abordagem de textos;
- do nível da classe;
- dos objetivos a serem atingidos de imediato.

O primeiro fator a ser levado em conta são os objetivos do ensino da Língua Portuguesa tal como estão expressos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Para colaborar na procura de novos caminhos, certos recursos são oferecidos.

### 1.2. — Recursos válidos para a experiência educativa através dos textos

— Estudo Dirigido

Como orientar uma leitura em nível de 5.ª série de 1.º grau?  
Modelo — A unidade deverá se desenvolver em seis aulas.  
1.ª aula — Conversa inicial acerca do assunto a ser desenvolvido.

— Perguntas que estimulem respostas e a contarem suas experiências.

— Distribuição do texto mimeografado e, paralelamente, a informação do que se passa no texto.

— Leitura do texto pelo professor em voz alta.

— Atividades para os alunos (releitura, desenho).

2.ª aula — Novo texto é distribuído aos alunos que devem ter em mãos o anterior.

Atividades:

- a — ler novamente o texto;
- b — estudar o vocabulário abaixo, compreendê-lo e fixá-lo;
- c — desenhar;
- d — fazer uma lista de outras palavras desconhecidas;
- e — realizar exercícios — reconhecimento de palavras sinônimas.

3.ª aula — Ler novamente o texto com atenção. Guardá-lo e responder as questões objetivas e subjetivas, orais ou escritas.

4.ª aula — Exercícios de: completar  
responder  
numerar

5.ª aula — Exercícios de gramática.  
(de acordo com os objetivos)

6.ª aula — Escrever uma redação. O professor dará um tema.  
Obs. Para organizar as idéias pode ser utilizado um roteiro.

#### — Clube de Leitura

Em face dos novos conceitos didáticos, a leitura assume uma função-chave no processo do aprendizado. Toda a escola deve ter a sua Biblioteca. Não havendo, é sugerido ao professor:

a — promover campanhas entre os alunos com doação de livros;

b — sugerir a criação de um Clube do Livro.

Como funcionaria este Clube?

#### Regulamentos e Objetivos

1 — A inscrição do aluno far-se-ia mediante o preenchimento de uma ficha pessoal, distribuída em classe pelo professor.

2 — De acordo com as informações fornecidas pela ficha pessoal do aluno, o professor os orientaria para uma leitura extra-classe.

3 — Registrar-se-ia cada leitura numa ficha que seria avaliada pelo professor e atribuídos pontos que entrariam na nota do mês.

4 — O movimento de retirada dos livros seria anotado pela bibliotecária ou um aluno que mostraria quais os livros mais lidos.

5 — O livro mais lido seria escolhido "o livro do mês".

6 — Um cartaz do livro do mês deveria ser elaborado por uma equipe de alunos. (rodízio)

7 — Os livros selecionados durante o ano e que mereceram o cartaz, entrariam para as provas finais.

8 — Os livros lidos no "Clube de Leitura" poderiam servir de pretexto para as atividades de "treino da expressão oral."

#### Exercícios para a aplicação da leitura:

a) uma paráfrase do livro;

b) um comentário pessoal do aluno a partir de certas perguntas orientadoras.

Obs. Introduzir noções de estilo, a linguagem. Relacionar fatos gramaticais em estudo.

c) leituras extraclasse (duas ou mais leituras como matéria para elaborarmos uma prova-teste).

#### Sugestão de avaliação

Apresentar um fragmento. Levantamento de uma questão. Elaborar quatro respostas: uma certa — uma meio certa — duas prováveis.

#### — Leituras Teatralizadas

Será exigida e treinada a leitura expressiva e também a mímica correspondente à situação em foco.

Em ambos os casos o professor deverá ter o cuidado de estimular o aluno e pô-lo à vontade. Na apreciação corrigirá os defeitos:

a — a postura pessoal incorreta;

b — os risos descabidos;

c — o tom abafado da voz (acanhamento);

d — a má articulação dos fonemas;

e — os erros ou os vícios de linguagem.

Obs. Livro recomendado: *Leitura Teatralizada*, Professor Altino Martinez. São Paulo, Editora Clássico Científica.

#### — A Técnica do Júri

Atividade que simula o julgamento de um réu, com a atuação de um advogado de defesa, um corpo de jurados e um juiz. O réu poderá ser desde um gato malvado de estória infantil até uma grande figura histórica de nossos tempos.

A Literatura e a História poderão fornecer os réus.

Esta atividade de grupo é um ótimo elemento de integração de disciplinas.

A técnica do júri visa a provocar e desenvolver:

— a capacidade de compreender os fatos, gestos ou palavras;

— a capacidade de imaginação, raciocínio e argumentação;

— a concatenação de idéias, de seleção do vocabulário expressivo e de expressão oral.

#### 2.0. — A INICIAÇÃO LITERÁRIA OBJETIVA (8.ª SÉRIE)

Poderá ser iniciado o estudo sistematizado de certas obras literárias.

Dentro do esquema de cinco aulas semanais de Português, sugerimos que se reserve três para a educação da Linguagem. (leituras, exercícios de redação e aplicação gramatical). Duas para a educação literária, através de leituras, análises e comentários de obras literárias. Este trabalho poderá ser desenvolvido através de dois tipos de trabalho:

1.º semestre — análise interpretativa de um conto e de um romance de estrutura tradicional.

2.º semestre — análise interpretativa de um conto moderna; comentário estilístico de um texto poético e análise de um miniconto.

1.º semestre — análise interpretativa com problemas paralelos aos analisados pelo professor.

2.º semestre — análise de um conto moderno seguindo o modelo oferecido.

2.1. — Roteiro para análise objetiva do romance e do conto tradicional

. Fase preparatória

Uma ou duas aulas para uma conversa preparatória acerca dos elementos culturais que os alunos precisariam conhecer de antemão.

. Primeira aula

O professor, ou algum aluno, poderá ler trechos significativos do romance a fim de estabelecer a atmosfera propícia às questões que podem ser colocadas. Estas focalizarão sete tópicos básicos:

- impressões da leitura;
- idéia central e levantamento dos fatos;
- resumo;
- personagens;
- ambiente;
- tempo;
- a estrutura narrativa.

2.2. — A análise do Texto

Depois que o aluno dominar o romance como um todo significativo, ele analisará objetivamente o texto que poderá ser realizado em dois níveis:

— nível de superfície — 5.ª, 6.ª, 7.ª séries

— nível de profundidade — 8.ª série

É algo que fica entre a Gramática e a Literatura, pois lança mão de conhecimentos específicos das duas áreas. A atividade pressupõe:

- o exame da estrutura do texto e da linguagem literária;
- vocabulário;
- valor das classes de palavras;
- tipos de figuras predominantes;
- valor da sintaxe predominante e natureza dos substantivos escolhidos;
- tempos ou modos de verbos, o uso expressivo do artigo, conjunção, advérbio e preposição.

Tipos de fragmentos que podem ser explorados:

. trechos que registrem o processo da animização ou humanização da natureza, através da comparação e da metáfora;

- . trechos em que aparecem caracterizações de personagens;
- . trechos que fixem uma ação simbólica;
- . trechos que reflitam as várias funções do ambiente.

Avaliação

Os alunos podem redigir dissertações em torno das idéias centrais que entrariam para o exame.

Para a análise do conto tradicional, os objetivos e os procedimentos são praticamente os mesmos, porém acrescidos de um pormenor: mostrar ao aluno a diferença entre a natureza do conto e a do romance.

2.2. — Roteiro para análise do conto moderno e do miniconto

A análise deve explorar os aspectos que o conto escolhido oferecer.

Quais seriam esses aspectos?

Como explorá-los?

Cada texto escolhido oferecerá material para exploração de um ou mais tópicos:

. As raízes surrealistas e realistas.

Análise do Conto

Confrontar a estrutura narrativa do conto tradicional com a do conto moderno escolhido.

Obs. A paráfrase é impossível de ser realizada pois, na nar-

rativa moderna, muito mais importante é o como o relato se desenvolve.

Sugestões de contos com final de impacto

"Lembranças e um peixe", de Luis Vilela (em Tarde da noite)

"Zeca pernetta e o Poço", de Caio Porfírio Carneiro (em Os meninos e o Agreste) e "Venha ver o Pôr-do-Sol", de Lygia Fagundes Telles (em Antes do Baile Verde).

### 2.3. — Orientação de análise de Texto Poético

Não é necessária a preparação motivadora aconselhada para a ficção. Para criar uma atmosfera adequada à leitura podemos referir-nos à pessoa do poeta.

1.º — leitura lúdica. Primeira leitura de contato com o texto. Deve ser feita primeiro pelo professor e depois pelos alunos silenciosamente e novamente pelo professor ou por algum aluno antes de entrar na análise;

2.º — esclarecimento lógico do texto. Deverão ser esclarecidos todas as palavras que ofereçam dúvidas;

3.º — leitura lógica. Leitura na ordem direta para esclarecer dúvidas;

4.º — paráfrase. O resumo da poesia, exercício para forçar a compreensão do texto;

5.º — numeração das linhas. Numerar de 5 em 5 linhas para facilitar a citação da análise;

6.º — análise interpretativa estilística.

Começamos com sua realidade perceptível (estrutura) para chegarmos à sua realidade subjacente (significação essencial). Começamos pelo mais simples:

1 — assunto;

2 — idéia central;

3 — a estrutura externa (determinação do metro, rima e fenômenos fonéticos);

4 — a estrutura interna (seus movimentos);

5 — análise da linguagem poética. É a parte mais séria da análise e requer mais sensibilidade, intuição e reflexão. Trata-se de verificar como o poeta nos transmitiu o seu tema e de que recursos técnicos-expressivos ele se valeu.

### 3.0. — O ENSINO DA LITERATURA INFANTIL

#### 3.1. — Objetivos:

— Cria atitudes:

— de admiração pelo que é grande, bom e belo;

— de melhor compreensão dos seres humanos e do mundo que a cerca;

— do desejo de apreciar e entender os problemas alheios para melhor compreensão de si mesma;

— de prontidão na imitação das virtudes;

— do cultivo de sentimentos altruísticos;

— da apreciação das belezas naturais.

— Visa a ajudar a criança a:

— adquirir conhecimentos distantes no tempo e no espaço;

— ampliar e enriquecer suas experiências;

— interessar-se profundamente pela leitura;

— encontrar refúgio espiritual, alívio temporário a seus problemas.

#### 3.2. — Características:

a) Imaginação — A imaginação infantil é uma força divina. Como o artista, a criança tem o poder de transformar um pouco de areia num lindo castelo cor-de-rosa.

b) Ficção — Os contos de fadas desafiaram o tempo, transmitindo, nas experiências milenares, a explicação do mundo. O conto maravilhoso leva a criança a uma moralidade cheia de entusiasmo; fortifica sua vida interior.

c) Emoção — A literatura infantil deve suscitar emoções diversas, penetrar no coração das crianças fazendo vibrar a sua sensibilidade, encerrar mensagens de amor, de bondade e de compreensão.

d) Alegria — A criança precisa rir, e a alegria é o tônico do bom-humor. A alegria traz um repouso para o espírito.

e) Realidade — As estórias do mundo que a cerca, conhecidas por parábolas da natureza são baseadas em fatos científicos. Nada melhor para ensinar a vida dos animais e plantas que estas alegorias tiradas de fatos da História Natural.

f) Rapidez de ação — Esta é a característica comum das estórias para as crianças menores. Tudo chega a tempo e, em cada período, há uma ação diferente. Não perde tempo em explicações, descrições poéticas ou sentimentais. Os acontecimentos se sucedem rapidamente.

g) Repetição — Nas estórias acumulativas, para cada elemento citado há uma repetição dos anteriores já mencionados. O prazer das crianças é devido à ginástica intelectual que é preciso fazer para acompanhar o encadeamento dos fatos.

h) Moralidade — Há estórias que transmitem determinadas lições de moral; as crianças não a rejeitarão se forem bem feitas e divertidas. Possuem certas características, procuram transmitir à infância e à juventude o benefício das experiências passadas.

i) Clareza — A narrativa deve ter enredo e linguagem sim-

ples, correta, clara, acessíveis à linguagem da criança e ao seu nível mental.

### 3.3. — O Ensino da Literatura Infantil e a Psicologia da criança

A disposição instintiva da criança para aceitar as coisas mais espantosas e inverossímeis, com encanto e naturalidade, já faz com que ela se interesse muito mais prontamente por uma estória de pura e gratuita imaginação de que pela literatura feita expressamente para educá-la e que visa abertamente a dar-lhe alguma lição. Este aspecto fantasista e imaginoso da criança deve ser inteligentemente explorado.

Paula Lombroso diz que, contando-lhes contos, acreditamos transportá-las para um mundo fantástico, inverossímil, no qual as crianças não veriam mais do que uma ficção poética e imaginária. Mas, em lugar disso, todo aquele mundo extraordinário de castelos encantados, varinha mágica, de vozes misteriosas, animais amestrados está, para a criança, muito mais perto das coisas reais do que das fantásticas. Sua experiência pessoal é tal que as fábulas mais misteriosas não lhe parecem mais dignas de maravilha do que as coisas e os fatos que a circundam. E este deve ser o maior prazer que a criança encontra nas fábulas.

Há, também, certos sociólogos que condenam as estórias fantásticas. Baseiam sua recusa no fato de que tais estórias estão em desacordo com a realidade atual, onde tais experiências não podem existir, e, assim, criam uma falsa visão das coisas.

Tais argumentos carecem de validade pois, na verdade, nunca houve um tempo, ou uma sociedade, onde existisse fadas, varinhas mágicas ou bichos falantes.

As crianças precisam receber uma escala de valores positivos que norteiem seu comportamento futuro. Em hipótese alguma podemos dar-lhes como aferição de valores as práticas negativas do mundo que as circundam.

### 3.4. — A Função Básica da Literatura Infantil

Podemos dizer que a função básica da literatura infantil, encarada como instrumento de educação, é estimular na criança todas as potencialidades latentes em seu ser.

Nessa diretriz as várias ocorrências das estórias devem ser exploradas no sentido de:

- a) despertar em seu espírito uma série de valores latentes em seu íntimo, valores que estão à espera de um impulso para se projetarem na sua experiência de vida do dia-a-dia (solidariedade, caridade, a luta por um ideal, o bem, o valor do esforço);

- b) atuar sobre a sua potencialidade psíquica, despertando e desenvolvendo seus dotes de imaginação e gosto artístico, predispondo-a a emocionar-se diante da beleza estética (a emoção estética é dos grandes dons que devemos desenvolver na criança, pois é uma das grandes fontes de prazer da vida humana);
- c) oferecer alimento fecundo à sua imaginação, preparando-a para o conhecimento da realidade circundante; levando-a paulatinamente do reino da fantasia para o dos valores do mundo concreto que a rodeia (o conhecimento da realidade pode ser realizado sem traumatizar a criança);
- d) desenvolver, pelo exercício de leitura e reprodução, a capacidade expressiva da criança (a aquisição da própria expressão deverá ser um dos resultados dessa orientação).

### 3.5. — Como escolher a Literatura para crianças?

Sabemos, por experiência, que certos livros têm amplo sucesso com as crianças e que outros, mesmo escritos expressamente para elas, não as agradam. Portanto, ao selecionar as estórias que servirão de leitura, ou narração em classe, os mestres deverão levar em conta duas premissas: que elas ofereçam condições de atrair o aluno e que atendam ao seu estágio de desenvolvimento psíquico.

Analisando as estórias que através do tempo vêm atraindo e encantando as crianças, podemos notar que, independentemente das diferenças exteriores existentes entre elas, há uma série de fatores internos que as identificam. São esses fatores que marcam a literatura infantil aproveitável; a literatura de influências positivas e fecundas no processo educativo da criança.

- a) Todas essas estórias giram em torno de uma ação central, dirigida para a realização de um objetivo. Nelas o esforço vence, o herói atinge o seu objetivo ajudado por circunstâncias. Ex.: A gata borralheira;

- b) oferecem beleza, magia e dinamismo imaginativos;

Todas elas decorrem numa atmosfera de beleza e de magia entre a realidade (que a criança conhece) e o sonho (em que ela mergulha constantemente, a propósito do que acontece em sua vida diária). É desse clima de imaginação e fantasia que brota o principal encantamento e a atração dessas estórias;

- c) valores identificáveis com as necessidades ou aspirações das crianças. Seja qual for a área em que decorre a ação, os tipos de personagens que vivem ou a natureza dos fatos narrados: a estória deve, obrigatoriamente, oferecer valores, atitudes, ações, com as quais as crianças se identifiquem através do prazer da leitura;

- d) recursos técnico-expressivos adequados — Entre as con-

dições básicas está a harmoniosa composição e estrutura das partes oferecendo, de maneira atraente e simples, as peripécias da estória. A linguagem expressiva e simples; a seqüência dos fatos; a apresentação das personagens; a criação do clima de expectativa e suspense; a representação do espaço em que se movem os heróis... são elementos que revelam a forma artística que consegue realizar aquela integração desejada entre os valores da estória e a personalidade da criança.

### 3.6. — A Literatura e os estágios psicológicos da criança

Além das características citadas, a escolha da estória deve atender também ao desenvolvimento psicológico da criança, à sua idade mental. Nelly nos dá um esquema básico que pode servir de orientação.

a) Dos cinco aos sete anos (fase do pensamento lúdico): é o período em que as crianças se encantam com o maravilhoso, o mágico, o insólito, pois não tendo ainda a capacidade de interpretar racionalmente os fatos naturais, apreendem a realidade através das impressões e sensações.

Tudo na vida ao seu redor assume proporções de mistério ou assombro, de jogo divertido ou ameaçador. Nesta fase cabem as narrativas curtas: contos de fadas, fábulas simples, estórias mitológicas, estórias de animais que falam, árvores que andam, bruxos, feitiçeiros, varinhas de condão, castelos encantados. Ex. O Gato de Botas; Chapeuzinho Vermelho; Aladim e a Lâmpada Maravilhosa.

b) Dos oito aos doze anos (fase do pensamento mágico) etapa em que o sentido da aventura, do risco, da coragem começam a impor-se. Sua inteligência corre a par com sua imaginação.

Nesta fase cabem as narrações de aventuras; contos de feitos heróicos; contos populares regionais; estórias humorísticas e graciosas. Ex. A série Tarzan, o Filho das Selvas; As Viagens de Gulliver; O Último dos Moicanos; A Ilha do Tesouro.

c) Dos doze aos quatorze anos (fase do pensamento lógico) época em que começam a dominar as primordiais noções abstratas de tempo, de espaço, de número de semelhança e diferença de causalidade.

Período dos grandes processos intelectuais e em que o menino vai penetrando no sentido de realidade, de uma maneira cada vez mais total e perfeita.

Inteligência e sentimentalidade são os elementos dominantes. Daí o interesse da leitura para os romances em geral, para as biografias romanceadas de grandes figuras da ciência ou da cultura, romances policiais, as lendas do folclore, certos mitos.

Estão nessa linha as novelas de Júlio Verne; os romances históricos; as biografias dos grandes homens e mulheres da história;

os romances românticos como por ex. A Moreninha; O Moço Loiro; A Cabana do Pai Tomás; Os Três Mosqueteiros.

Esses fatores são realmente importantes para a escolha dos textos; entretanto eles de nada valerão se o mestre não souber explorá-los convenientemente.

Além de todos estes itens aqui tratados, Nelly ainda nos fala:

— Como orientar as leituras infantis nos primeiros anos?

— Como julgar se uma narrativa infantil contemporânea é adequada à criança?

Se a Literatura deve instruir ou agradar?

Sempre houve adeptos para cada um dos objetivos ou para ambos simultaneamente.

Quanto à Literatura para crianças, acreditamos que ela deverá cumprir os dois objetivos:

**Servir de fonte de prazer e formar a consciência de mundo de seu jovem leitor.**

### CONCLUSÃO

Parece que o nosso anseio, a nossa busca de novos caminhos foi um pouco amainada quando manuseamos a obra: "O Ensino da Literatura", de Nelly Novaes Coelho. É uma obra didática renovadora, que não fica limitada a teorias e métodos; pelo contrário, é liberal e prática, sem com isto embrenhar-se pelo novismo exagerado. É uma obra bem delimitada. A autora soma as suas experiências de sala de aula com as suas teorias, pois é uma professora de técnicas e teorias literárias.

### BIBLIOGRAFIA

COELHO, Nelly Novaes. O Ensino da Literatura I/ Comunicação e Expressão. 4. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.